

DO MATRIARCADO À CRISTIANIZAÇÃO: O TABU DA MENSTRUÇÃO E A SITUAÇÃO DA MULHER NA UMBANDA A PARTIR DOS CASOS DE MARINGÁ- PR

Nicole Oliveira Rossi (PIC), Thomás Antônio Burneiko Meira (Orientador). E-mail: ra132768@uem.br.

Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Maringá, PR

Antropologia, Antropologia das Populações Afro-brasileiras.

Palavras-chave: Gênero; Menstruação; Umbanda.

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo compreender diferentes concepções sobre a menstruação em alguns terreiros de Umbanda, em Maringá-PR, investigando se esse fator poderia gerar exclusão de mulheres nessas religiões e como isso seria interpretado. Para tanto, duas obras foram o alicerce de todo o processo: A Cidade das Mulheres, da antropóloga estadunidense Ruth Landes, e Pureza e Perigo, da britânica Mary Douglas. A primeira trouxe uma visão, através de sua etnografia, realizada no Brasil, no final da década de 1930, sobre o protagonismo feminino e a matrilinearidade das religiões afro-brasileiras. Enquanto a segunda, evidenciou a interpretação de como o tabu da menstruação, em algumas culturas, coloca a mulher em uma posição marginalizada e de exclusão, gerando a compreensão de que, em alguns contextos, como no Ocidental, esse fator é visto como “poluição”, e isso causa um impacto direto na vida das mulheres. Além do aporte bibliográfico, o trabalho contou com trabalho de campo, o qual foi realizado em três Casas de Axé, porém, por escolha, somente uma entrevista será trabalhada neste resumo. Essa conversa confirmou a hipótese de incoerência colocada na geração deste projeto, visto que, ao mesmo tempo em que as mulheres são essenciais dentro das crenças afro-brasileiras, alguns fatores, como nesse caso, a menstruação, podem gerar certa exclusão em suas participações ritualísticas. No entanto, como será argumentado no decorrer do texto, o trabalho poderá ainda ser estendido a outras pesquisas, para melhor entendimento desse acontecimento, visto que, não foi possível identificar e confirmar a generalidade de seus motivos.

INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho foi buscar compreender diferentes concepções sobre a menstruação nos cultos afro-brasileiros, a partir da região metropolitana de Maringá- PR. Para isso, as obras, A Cidade das Mulheres, de 1947, da antropóloga estadunidense Ruth Landes, e Pureza e Perigo, de 1966, da antropóloga britânica Mary Douglas, foram essenciais. Ademais, para compreender essas teorias a partir

dos casos dessa cidade, foram realizados três trabalhos de campo, nos quais pretendíamos entender se seriam comprovadas, descartadas ou tratadas com irrelevância. Porém, vale destacar, que, nesse resumo, por escolha, apenas uma entrevista será utilizada.

Sabendo disso, a primeira obra aqui referenciada, trata-se de uma etnografia, realizada no final da década de 1930, pela estadunidense, que veio ao Brasil estudar os Candomblés baianos. Foi, durante essa visita, que a antropóloga notou o protagonismo das mulheres dentro desses cultos, onde ela apontou e reforçou, por toda sua obra, a presença da matrilinearidade, que desafiava o sistema patriarcal, cristão e capitalista, que predomina nas sociedades ocidentais. Ruth Landes, evidencia como essas religiões, especialmente o candomblé, eram um espaço onde as mulheres, principalmente as negras, podiam exercer um papel de poder e liberdade, além, de serem essas pessoas que ocupavam os cargos mais importantes. Portanto, foi através dessa obra, que observamos, pioneiramente, o empoderamento feminino no interior dessas crenças (Landes, 2002).

Já a segunda teoria, de Douglas, auxiliou na compreensão de como o tabu da menstruação, em algumas culturas, coloca a mulher em uma posição marginalizada e de exclusão, já que, como ela afirma, em todas as sociedades há uma divisão do que é considerado puro ou impuro, e as impurezas, seriam como anomalias sociais, consideradas perigosas. Logo, a menstruação, dentro de algumas culturas, como as ocidentais, são consideradas dessa maneira, que levam à exclusão das mulheres, uma forma de reforçar os ideais de sociedades patriarcais, que reafirmam constantemente quem deve estar em determinados espaços. Por isso, esses tabus, possuem a função de controlar as mulheres e manter o patriarcalismo, causando, por exemplo, a exclusão desses corpos em espaços e cargos sagrados. Visto que, esse fator biológico torna-se um símbolo perigoso para essas sociedades; questiona-se, portanto, se essa concepção, dentro dos cultos afro brasileiros, pode estar relacionada à cristianização dessas práticas religiosas, tendo em vista as relações assumidas, nesse último caso, entre sangue menstrual e poluição (Douglas, 2012).

Portanto, o objetivo principal deste trabalho é compreender como essa diversidade de possíveis crenças, previstas na bibliografia, se revela nas práticas e nas concepções ligadas à menstruação, em casas de axé da região metropolitana de Maringá. Sendo, por ora, esse um recorte espacial propositalmente amplo, aberto e com diversas possibilidades, visando, a partir da etnografia, entender se os terreiros irão afirmar, contradizer ou tratar com indiferença essas questões, com base na literatura clássica citada anteriormente.

MATERIAIS E MÉTODOS

As metodologias utilizadas foram a revisão bibliográfica e a etnografia. Os principais trabalhos discutidos foram as obras: Cidade das Mulheres, de 1947, e Pureza e Perigo, de 1966, das antropólogas Ruth Landes e Mary Douglas, respectivamente. Já a pesquisa de campo, foi realizada em três Casas de Axé, da

cidade de Maringá, onde ocorreram entrevistas com uma mãe de santo e dois babalorixás, em 2025. Porém, como já dito anteriormente, nesse resumo, será abordada, aqui, apenas uma entrevista.

Sobre isso, trabalharemos aqui, com a entrevista com o Pai Gian (realizada em julho de 2025), o qual está inserido na religião há mais de trinta anos, e nos retratou sua perspectiva sobre o protagonismo da mulher dentro dessas crenças, de maneira sócio-histórica, mas também nos deu uma aula a respeito, por exemplo, da menstruação, cristianização e branqueamento no quadro religioso afro-brasileiro.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A discussão obtida, a partir das bibliografias e do trabalho de campo, nos mostrou as relações e tensões entre a teoria e a prática, dentro da Umbanda. Pois, a princípio, a ideia de Ruth Landes (2002), sobre a centralidade das mulheres nos terreiros, foi confirmada, embora de maneira menos evidente e forte, como ela propõe, já que fica clara a perda de protagonismo dessas. Como Pai Gian (2025) nos ressaltou, a presença das mulheres, em qualquer religião afro-brasileira, seja Candomblé, Umbanda, Terecô, Catimbó, Jare, Tambor de Mina, Quimbanda, Cabula, Jurema ou Batuque, será a maioria. Isso, reforçou a percepção da antropóloga estadunidense, que destacava o caráter matrilinear dessas religiões.

Porém, ao chegar na temática da menstruação, o Pai (2025) destacou as restrições da mulher no período do “bajé”, já que, durante essa fase, elas não mexem com o sagrado, pois isso é entendido como a “não vida”, e então elas devem ficar longe do axé. Essa visão, dialoga com a teoria da britânica Mary Douglas (2012), na qual a menstruação é um elemento de poluição, que ameaça a ordem tanto simbólica, quanto ritual.

Mas, simultaneamente a isso, Pai Gian (2025) destaca que em último caso, se não houver nenhum homem, a mulher poderia realizar determinadas funções que não deveriam, como, por exemplo, o “corte” (sacrifício), que é realizado por homens, independente da menstruação, ou na precisão de um ritual para saúde, em alguma pessoa, onde, se não houver mais ninguém, a mulher menstruada poderá realizar, desde que “bata cabeça” e acenda uma vela fazendo reverências aos orixás. Portanto, percebemos que há uma plasticidade nessas normas, mas como veremos mais adiante, a mulher perdeu muito do seu lugar e poder iniciais (Landes, 2002; Douglas, 2012).

Outro fator importante conversado com Pai Gian (2025), foi sobre a cristianização dessas crenças, à qual ele reconhece a existência. Quando falamos sobre isso, associamos suas palavras com a “masculinização” dessas religiões, que estão ligadas com o patriarcalismo ocidental e capitalista. Acerca disso, o sacerdote se posiciona criticamente, alegando a necessidade de uma postura política, já que essa masculinização e cristianização são opressoras.

Portanto, o que notamos foi que a incoerência entre a centralidade feminina e seu caráter de resistência, como Landes (2002) aponta, e as diversas restrições das mulheres, que não se dão apenas no âmbito da “bajé”, são sustentadas por ideias de impureza e poluição, como percebemos com Douglas (2012), e reforçadas, inclusive, pelos ideais cristãos.

CONCLUSÕES

Notamos, então, que a menstruação pode ser um modo de exclusão das mulheres dentro dos cultos afro-brasileiros, mas que isso não é algo universal e nem o único meio de marginalizá-las, além de possuir, talvez, sua relação com a cristianização dessas crenças, pois como vimos com Douglas (2012), a ideia de poluição é algo cultural, e dentro da nossa cultura ocidental e cristã, há essa visão sobre o fator biológico. Porém, vemos a ambiguidade entre essa subalternização, simultaneamente, ao fato delas serem o número majoritário dentro dos terreiros, como Landes (2002) nos descreveu, embora com menos protagonismo e a ausência da matrilinearidade. Ou seja, esse trabalho poderá ser desdobrado em pesquisas futuras, para entender os motivos que levaram a isso, já que somente a menstruação não é o suficiente para explicá-los, embora seja um caminho imprescindível, já que acreditamos que a cristianização e a imposição ocidental e cristã, que visa o poder masculino, seja um fator fundamental para a exclusão desses corpos.

Portanto, essa incoerência entre fundamentalismo e exclusão nos mostrou as multiplicidades do tema e a importância em desdobrá-lo, evidenciando a complexidade da presença do corpo feminino nesses ambientes, que ficam divididos entre exaltação e controle. Logo, conclui-se, que não existe universalidade a respeito da temática “bajé”. Cada terreiro terá suas normas e visões sobre ela e deverão ser respeitadas já que esse é um processo dividido entre os ideais africanos e todas as influências externas de cada sociedade e cultura, em que esses líderes religiosos estão inseridos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu orientador, por toda paciência e atenção, ao Programa de Iniciação Científica, à Universidade Estadual de Maringá e aos sacerdotes e a sacerdotisa que aceitaram conversar.

REFERÊNCIAS

DOUGLAS, Mary. **Pureza e Perigo**. Ed. Perspectiva. São Paulo. (2012)

LANDES, Ruth. **A Cidade das Mulheres**. Segunda edição. Editora UFRJ. (2002).